

GÊNEROS ORAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS: CONCEPÇÃO E ENSINO

Glenda Hilnara Silva MEIRA (PIBIC/CNPq/UFCG)

Williany Miranda da SILVA (orientadora)
(Universidade Federal de Campina Grande)

RESUMO: O ensino de gêneros orais na escola é hoje é um grande desafio para os profissionais da educação que precisam trabalhar a língua em suas várias possibilidades, dentre as quais a modalidade oral se inclui. Para tanto, o presente trabalho objetiva investigar o tratamento dado à análise linguística em dois manuais didáticos de ensino fundamental, que tomam a oralidade como objeto de estudo, verificando as concepções de oralidade que norteiam essas atividades, haja vista ser o livro didático um dos únicos recursos do professor de língua materna. A análise dos dados apontou para uma abordagem do gênero bastante superficial e ainda distante do que de fato corresponde a um ensino de língua(gem) alicerçado por gêneros orais formais, reduzindo seu trabalho à informalidade, priorizando-se a espontaneidade na realização linguística de modo geral.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros orais. Livro didático. Ensino.

1. Introdução

Muito se tem avançado no ensino em relação à inclusão do gênero oral. O que antes poderia ser considerado erro, absurdo ou descompasso no processo ensino-aprendizagem de língua materna, é hoje uma real necessidade, uma vez que a oralidade é componente da vida dos indivíduos e das relações que estes buscam construir em diversas situações. Dessa maneira, o trabalho com o oral redimensiona a dinâmica de ensino e traz para a sala de aula um contexto de uso da linguagem em funcionamento aproveitando os conhecimentos dos alunos e aproximando-os de gêneros, por vezes, mais observados e utilizados em contextos variados.

Nesses termos, procuramos observar dois manuais didáticos, de modo particular as seções intituladas “Atividade Oral” (Discussão Oral) e “Um bom debate”, uma vez que o livro didático assume papel importante como norteador do trabalho do professor, objetivando, com isso, observar as concepções de oralidade subjacentes às atividades desenvolvidas com os gêneros orais formais.

Utilizando suportes teóricos advindos das propostas de ensino dos PCN (1998) e das contribuições de Ramos (1997), Castilho (1998), Dolz e Schneuwly (2004), o presente trabalho encontra-se vinculado ao projeto de pesquisa “Análise Linguística em gêneros orais formais” (PIBIC/UFCG/CNPq 2009-2010), que objetiva, em termos gerais, investigar as formas de tratamento dadas à análise linguística nos manuais em questão, observando que concepções desses gêneros são subjacentes à inclusão nas coleções analisadas e qual o eixo organizador para com as atividades de análise linguística que o seguem, identificando assim, as potencialidades e limitações de seu tratamento.

2. Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa e se preocupa com a descrição e interpretação do conjunto de dados coletados: duas coleções de livros didáticos (5ª a 8ª série) de grande circulação na educação básica dos municípios de Campina Grande, Paraíba, em escolas públicas e particulares. Dos livros em destaque, evidenciamos as seções que se apresentam sob a nomenclatura “Atividade Oral” (Discussão Oral) e “Um bom debate”. Estas desenvolvem atividades que tomam os gêneros orais formais enquanto objeto de estudo e estão identificadas nas coleções: **Projeto Araribá: português/** obra coletiva. 1ed. São Paulo: Moderna, 2006, (Coleção 1) e BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha e MARCHEZI, Vera. **Tudo é linguagem.** São Paulo: Ática, 2006, (Coleção 2).

3. Discussão

3.1. Os gêneros orais na coleção

O Quadro 01 a seguir apresenta uma noção geral de como se apresentam nas duas coleções os gêneros orais formais:

Quadro 01: Amostragem dos gêneros trabalhados nas coleções

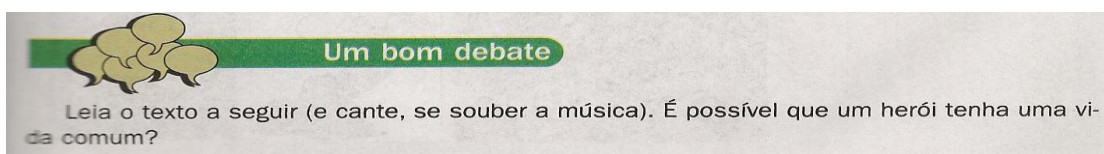
Gêneros	5ª Série	6ª Série	7ª Série	8ª Série
Aula	-	-	-	-
Debate	-	Coleção 2	Coleção 2	Coleção 1 Coleção 2
Declamação de poemas	Coleção 1	-	Coleção 1 Coleção 2	-
Diálogo/ conversa	Coleção 1 Coleção 2	-	Coleção 1	-
Discussão Oral	Coleção 1 Coleção 2	Coleção 1 Coleção 2	Coleção 1 Coleção 2	Coleção 1 Coleção 2
Entrevista	-	Coleção 1	-	Coleção 2
Exposição Oral	-	-	Coleção 2	Coleção 1
Jogral	Coleção 2	Coleção 2	Coleção 2	-
Leitura Oralizada	Coleção 2	Coleção 2	Coleção 2	Coleção 2
Relato Oral	Coleção 1	Coleção 1 Coleção 2	Coleção 1	Coleção 1
Seminário	-	Coleção 2	-	-

Conforme é possível perceber, no Quadro 01, há uma grande diversidade de gêneros orais trabalhados nas duas coleções. Porém, essa preocupação fica marcada pela concentração

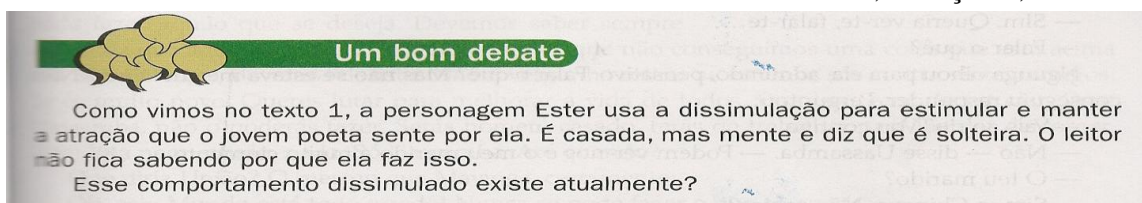
nos gêneros da oralidade informal corroborando com a constatação de Antunes (2003), de atividades com a oralidade peculiar às situações da comunicação privada, registrado pelas conversas e trocas de ideias. Segundo os PCN (1996), essas ocorrências são insuficientes para a demanda das diversas situações enfrentadas pelos sujeitos, sobretudo nas instâncias públicas.

O Quadro 01 aponta ainda para outro aspecto: a referência em oposição à ocorrência de fato, haja vista as inúmeras citações com relação aos gêneros orais, que por vezes aparecem sob nomenclaturas aleatórias que não necessariamente corresponderão à aplicação do gênero em questão. Tal afirmativa pode ser observada no exemplo 01, a seguir:

Ex 01, Coleção 2, 7ª série – p. 41



Ex 02, Coleção 2, 7ª série – p. 53



Os exemplos 01 e 02 demonstram uma compreensão de gênero debate muito próximo da discussão e da conversa informal, além de não estabelecer objetivos mais específicos para com a realização da atividade. Essa relação estreita entre o debate e a discussão já foi apontado por Pereira (2007) e refletida quanto aos aspectos que delimitam essa diferenciação, como é o caso do local de produção, o número e a função dos envolvidos, bem como dos objetivos e do grau de formalidade.

Dessa maneira, identifica-se uma inadequação de nomenclatura, haja vista o uso do termo – debate – não corresponder exatamente à atividade que é proposta, muito mais flexível quanto ao local e ao nível de linguagem a ser utilizada. A atividade distancia-se, assim, do efetivo trabalho com o gênero oral formal debate e aproxima-se de outros gêneros orais mais informais, como a discussão a conversa espontânea.

3.2. Concepção de oralidade


O ensino da oralidade implica uma concepção de língua como prática discursiva, envolta numa prática social, a partir da qual interlocutores constroem sentido na interação (ANTUNES, 2003). É com esse pano de fundo que deveriam atuar os envolvidos na prática educativa, desenvolvendo capacidades comunicativas que estabeleçam a língua enquanto interação, construindo uma nova relação com a linguagem.

Nesse sentido, tomando os manuais em análise, podemos relacionar alguns conceitos que são muito difundidos a respeito do que seja e de como se trabalha a oralidade, percebendo o livro didático como um norteador importante para o encaminhamento das atividades do professor em sala aula.

De acordo com SCHNEUWLY (2004), algumas concepções de oralidade são bastante usuais, de forma que trabalham o oral como: materialidade, espontaneidade e norma.

Contrariamente a noção de *materialidade* – produção da fala por meio da voz – verificou-se, em grande parte das propostas, a perspectiva de oralidade enquanto *espontaneidade* – liberação verbal do pensamento, com conversas espontâneas e liberdade de expressão, como se observa no exemplo 03, a seguir:

Ex 03, Coleção 2, 5ª série – p. 49



Um bom debate

Conte a seus colegas e ouça o que eles têm a contar sobre situações vivenciadas ou conhecidas em que uma trapaça prejudicou alguém.

No mundo em que vivemos, há muitos casos de injustiça, de desrespeito, que fazem as pessoas se sentirem infelizes e desamparadas. Na sua opinião, é possível melhorar as relações entre as pessoas? Como elas precisariam ou poderiam agir para tornar o mundo melhor?

A *espontaneidade*, conforme sugere o exemplo anterior, diz respeito à liberação e ao descomprometimento com determinada situação, à exposição de pensamentos e idéias, aproximando a oralidade da informalidade e da conversa, como exposição sem interesses estabelecidos. No exemplo, as formas lingüísticas “conte” e “ouça” sinalizam o momento de fala em sala de aula sem que haja interrupções de turno e sobreposições de fala, além de enfocar a impressão subjetiva do aluno através de expressões como “na sua opinião”.

A atividade oral enquanto *norma* corresponde a constituição “correta” da fala, construída por determinados vocabulários que auxiliam numa exposição clara de ideias, conforme o exemplo 04:

Ex 04, Coleção 1, 6ª série – p. 53

Relato oral

12 Forme grupo e relate para os colegas a situação que seus pais lhe contaram. Ouça a história deles. Professor: formar grupos de quatro ou cinco alunos. Sugerimos estabelecer um prazo para cada relato, por exemplo, três minutos.

- Lembre-se de dizer quando se passou a situação e com quem.
- Prepare a apresentação com antecedência.
- Embora você possa se orientar pelas suas anotações, o objetivo é relatar a história sem ler.
- Use linguagem informal, mas evite o uso de expressões como *daí, aí, né, tipo*, etc.

Este exemplo insiste na oralização como forma adequada de efetivação da língua, no que compete à correção lingüística, além do fato de não apresentar uma distinção do conceito formal/ informal. Nesse exemplo, em especial o item d, reprova o uso da linguagem espontânea, mesmo chamando a atenção para o relato oral, ao usar o termo “evite”. O trabalho com o gênero oral reduziu-se à aplicação adequada da língua, sem um compromisso mais real, interativo e reflexivo de estudo do gênero.

Durante muito tempo, a língua escrita foi estabelecida como campo de referência por não apresentar o caráter de “tudo pode” ou de lugar privilegiado de violação das regras gramaticais apresentado pela língua falada. Em oposição a essa noção, muitos estudos (Castilho, 1998; Marcuschi, 2001; entre outros) revelaram a ocorrência de padrões gerais da fala e de utilizações formais, que sendo perpassada pela escrita garantiam-lhe maior grau de formalidade e de escolhas lexicais mais elaboradas. Nesse sentido, Antunes (2003) sugere a necessidade de uso de uma linguagem adequada para atender a certas convenções sociais, mas que não se restrinja à escrita.

Assim sendo, o exemplo 04 apresenta, além da confusão do que venha a ser formal e informal, uma restrição da linguagem ao mesmo tempo em que não delimita o campo de uso da oralidade, haja vista a antecedência na preparação da proposta (item b) e o uso da modalidade escrita não serem suficientes para aplicação de uma linguagem formal.

3.3. Ensino do gênero oral nos LDPs

Segundo Schneuwly (2004, p. 133) “o oral é concebido como um todo homogêneo que se confunde com a escrita ou se opõe à escrita, também vista como unidade homogênea”, uma vez que a escrita permaneceu durante muito tempo como elemento fundamental de estudo da língua, por constituir-se a fala de uma produção individual, ignorando a linguagem enquanto constitutiva do sujeito.

O ensino do gênero oral em sala de aula pode ampliar as possibilidades de trabalho e de compreensão do aluno, já que corresponderá há um estudo aplicativo a partir do que o aluno domina, a língua. Entretanto, o trabalho com a oralidade necessita distanciar-se do incidental, embora parta dele, baseado na fala cotidiana e espontânea, não sendo capaz de alicerçar sua produção em situações outras que demande uma construção mais elaborada e uma fala mais formal. Dessa forma, concordamos com o apresentado por Schneuwly (op. cit. p. 138) ao afirmar que “o que constitui no mais alto nível o objeto do desenvolvimento de linguagem: saber falar (...) é dominar os gêneros que nela emergiram historicamente, dos mais simples aos mais complexos.”

Sabendo, pois, que o oral que se aprende em sala de aula é o oral da escrita, buscamos investigar de que forma essa relação oral-escrita é construída e perceber os avanços e limites apresentados nas coleções. O exemplo 05, a seguir, introduz esse ensino do gênero:

Ex 05, Coleção 1, 8ª série – p. 93

Relato oral

10 Você já fez alguma viagem que foi importante para você? Relate oralmente essa viagem para os colegas, orientando-se pelos itens abaixo.

- Para onde você viajou?
- Como era o lugar?
- O que mais lhe chamou a atenção na casa, no hotel, ou na paisagem? Descreva.
- Que sentimentos você experimentou durante a viagem e quando estava no lugar para onde foi?

11 Junte-se em grupos com seus colegas e relate a sua viagem. Ouça o relato deles.

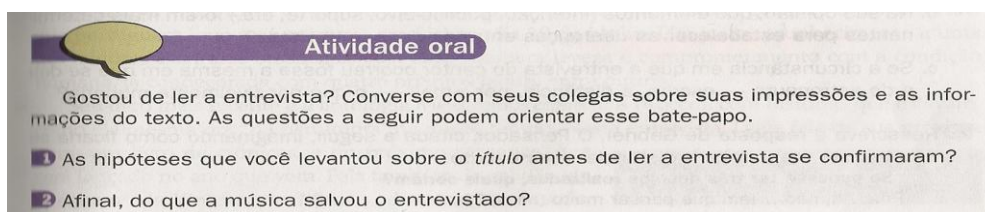
- Prepare a apresentação com antecedência.
- Oriente-se pelas respostas que você deu na questão anterior, mas o objetivo é relatar oralmente e não ler.
- Use linguagem informal, mas evite o uso de expressões como *daí, aí, né, tipo*, etc.

O exemplo revela um uso da linguagem oral dependente da escrita, posição assumida pelos itens *a*, *b*, *c* e *d*, que são caracterizadas pela função de roteiro, norteadora da fala, conforme se percebe na apresentação da questão “orientando-se pelos itens”. A priori, o que fica evidente é uma compreensão fala-escrita que vai além da simples relação e se enquadra num *continuum* (Marcuschi, 2001). Todavia, o item 11, semelhantemente ao exemplo 04, atribui nova caracterização à questão e confusão na concepção formal/informal. O item *b* da questão 11 vai de encontro à noção de ser o texto falado quando norteador pela escrita, uma

leitura oralizada e reflete a subutilização do material escrito, inclusive em situações antecedentes a execução do relato oral de fato, de maneira que, não se enfatiza o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno.

Identificou-se, pois, nas duas coleções em análise, propostas dessa natureza, atividades orais que limitam o trabalho com o gênero, já que centram sua abordagem nos aspectos superficiais de compreensão textual, sob o qual se pauta. O exemplo 06 marca essa representação:

Ex 06, Coleção 2 – p. 125



O exemplo 06, além de não ter como suporte o texto escrito, enfatiza a atividade oral como sinônimo de bate-papo, muito mais despretenso e sem objetivos estabelecidos para com a atividade, refletindo a realidade de que o texto escrito é utilizado como pretexto para sua produção. Similarmente a essa, a maior parte das atividades nas duas coleções explora a impressão subjetiva do aluno a partir de construções do tipo: “*Você acha que...*” e “*Na sua opinião*”.

Nesse contexto, Castilho (1998) justifica o ensino do gênero oral em sala de aula pela necessidade do aluno em adquirir novas habilidades a partir da conversação, que não a vivenciada no meio familiar, assim como, promover o aluno à posição de cidadão, realidade que a escola impõe no momento em que dá suporte para essa inclusão com a aplicação de determinada variedade em situações específicas.

4. Considerações finais

Para finalizar este trabalho, faz-se importante perceber que

do ponto de vista institucional, estudos que têm investigado a interação professor/aluno na aula de língua materna salientam a importância de se levar em conta as determinações institucionais, que fazem do professor o intermediário entre instituição e aluno (Matencio 1994), ou ainda, com grande frequência na escola brasileira, entre o autor do livro didático e aluno (Batista, 1997; Kleiman, 1992). (Matencio, 2001, p. 34)

As atividades com gêneros orais formais, segundo os dados obtidos, embora se caracterizem como um grande avanço no ensino de língua, enquanto estratégias de desenvolvimento de competências limitam o tratamento do fenômeno linguístico a uma dada concepção que não parece levar o aluno a refletir sobre seu funcionamento interacional.

Os dados demonstraram um ensino de gêneros orais ainda de forma assistemática e reduzida à informalidade, com tópicos denominados de *conversa* ou *exibição de ponto de vista*, priorizando-se uma ênfase temática, com conversas e bate-papos que se voltam para a espontaneidade na realização linguística de modo geral. Nesse caso, desconsideram-se os aspectos do *continuum fala-escrita* (MARCUSCHI, 2001) que contemplam graus de formalidade e de informalidade diferenciados em função dos variados gêneros orais praticados socialmente e didatizados nos manuais.

Além disso, é papel da escola e, especialmente, dos livros didáticos como auxílio do professor, “conduzir o aluno a formas de expressão que implicam vontade e consciência”

reflexiva na utilização da linguagem, utilizando o monólogo artificial em lugar do natural, haja vista a necessidade de ficcionalização na complexidade da atividade linguística (Schneuwly, op. cit., p. 144)

Referências

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português – encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, Secretaria do ensino fundamental, MEC/SEF, 1998.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, Cortez, 2001.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Estudo da língua falada e aula de língua materna*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- PEREIRA, Bruno Alves. *A atuação do debate em sala de aula: práticas e reflexões realizadas por professores do ensino fundamental*. Relatório de Pesquisa. Campina Grande: UFCG/PIBIC, circulação restrita, 2007.
- RAMOS, Jania. *O espaço da oralidade em sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SCHNEUWLY e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola* (trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.